



casadesarmento

centro de estudos do património

Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso

Mário Cardozo

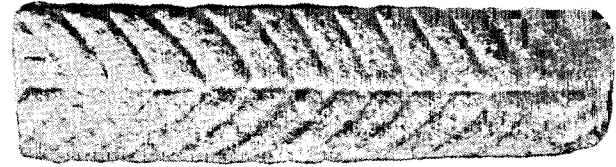
11.ª ed., Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1990, pp. 58-67

© Sociedade Martins Sarmento | Casa de Sarmento

1

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@cs.uminho.pt
URL: www.cs.uminho.pt



SABROSO

EM começos do ano de 1878 iniciou Martins Sarmento as explorações no Monte de Sabroso, fronteiro a S. Romão, onde pôs a descoberto outra povoação primitiva, muito mais pequena do que a Citânia, mas, pelas suas características gerais e natureza do espólio nela encontrado, por certo tanto ou mais importante ainda do que aquela, para o estudo das nossas origens.

As ruínas de Sabroso ficam situadas num pequeno monte, de cota 278 (Fig. 16), o qual, como o da Citânia, se destaca do maciço orográfico que, pela margem direita do Ave, limita o vale deste rio. No marco geodésico, actualmente destruído, convergem os limites das freguesias de Sande, Longos e do Salvador de Briteiros. O Monte

Situação topográfica

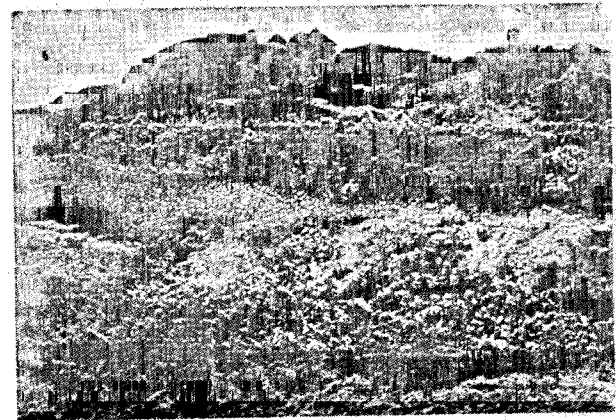


Fig. 16 — ASPECTO DO CASTRO DE SABROSO (VISTA PARCIAL, DO LADO NASCENTE).

(Fot. Sarmento,

ou Couto de Sabroso avista-se perfeitamente do alto da Citânia, à distância de uns 2.700 metros na recta tirada por SO. do marco trigonométrico de Briteiros (1). Ainda outras ruínas, próximas da Citânia, as do Monte de Santa Iria, a NE., prenderam a atenção de M. Sarmento, que tencionava proceder ali também a escavações (2), as quais, infelizmente, não chegou a iniciar.

Para atingir o Monte de Sabroso, o itinerário, a seguir é pela estrada que, partindo das Caldas das Taipas, se dirige ao Bom Jesus (Braga), pela freguesia de Santa Cristina de Longos. Percorridos cerca de 2,5 quilómetros nesta estrada, corta-se à direita, no lugar da Cancela, por um ramal camarário de pouco mais de 1 quilómetro, que directamente nos leva ao cimo do Monte (Vide Carta itin. Est. 1). Tem sido insistentemente pedida pela Sociedade Martins Sarmento a ligação do término deste ramal a Briteiros, para não obrigar o visitante a uma longa volta de retrocesso pelas Caldas das Taipas, quando quer ir da Citânia a Sabroso ou vice-versa.

O Castro de Sabroso mede, entre muros, no diâmetro longitudinal (N-S), um comprimento de 180 metros, e 100 metros no diâmetro transverso. O tipo geral das suas edificações é o mesmo das da Citânia, apresentando a descoberto cerca de 35 casas redondas e apenas vestígios de 3 de planta rectangular, com os cantos arredondados (V. Est. XXXVI).

A atenção do visitante que, depois de percorrer a Citânia, examinar estas ruínas, é naturalmente atraída para a falta completa daqueles arruamentos bem marcados que à Citânia imprimem um carácter urbanístico, esboçando já o delineamento de povoação mais civilizada. Sabroso é pobre; não tem ruas definidas retalhando com regularidade a povoação: as casas dispersam-se em tabuleiros, no interior da cintura muralhada, se bem que junto a algumas delas se vejam também as características praçazinhas calcetadas, que encontramos na Citânia. Apenas se descobriu, no lado SE. da muralha, numa extensão de 40 metros e marcando uma das entradas da povoação, um troço de calçada, cujos vestígios se perdem depressa.

O aspecto mais típico do Castro de Sabroso é o que nos apresenta a sua formidável muralha, ainda hoje admiravelmente conservada em alguns lanços. A defesa não é, porém, como na Citânia, constituída aqui por várias ordens de muros, mas apenas um circuito fecha a povoação.

(1) O ponto geodésico da Citânia de Briteiros é dado pelo vértice da pirâmide que constitui a cobertura da capela actual. O marco de Sabroso foi destruído, como dissemos.

(2) V. Martins Sarmento — *Obs. à Citânia do Sr. Doutor Emilio Hübner*, Porto, 1879, pág. 46.

Aspecto de conjunto

A muralha

Uma ligação desses muros, independente da obra primitiva, existente na face voltada ao nascente, leva-nos a concluir que o perímetro do reduto, inicialmente muito pequeno, foi mais tarde ampliado, com o fim de abranger uma população que já não cabia dentro do velho recinto. O aparelho da muralha, singularmente acabado (Est XXXVII, 1 e XXXVIII, 1), especialmente em vários panos das frentes norte e nascente, apresenta as uniões das pedras bem faceadas e fechadas, dando-nos o tipo rigoroso e perfeito do chamado *aparelho poligonal*, como se vê reproduzido nas notáveis reconstituições dos muros de Micenas apresentadas por Chipiez (1).

A muralha, em talude, servia ao mesmo tempo de defesa e contraforte de sustentação das terras do planalto, tendo sido em parte reforçada por uma segunda capa de pedra, sobreposta à primeira (Fig. 17) (talvez porque o primitivo revestimento, mal construído, fendes-se e ameaçasse ruína), reforço este que, por ter a base num plano inferior, elevou assim o comandamento da defesa sobre o terreno exterior. As suas dimensões oscilam

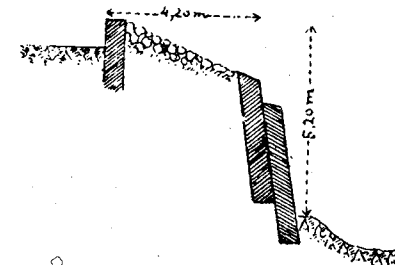


Fig. 17 — CORTE TRANSVERSAL DA MURALHA DE SABROSO (LADO NASCENTE)

(Des. do autor)

presentemente entre uns 3 a 5 metros de altura, por 4m, 50 de largo, em alguns pontos; mas a altura primitiva era incontestavelmente superior. Do lado norte apresenta-se, paralelamente à muralha, uma fiada de pedras, afastadas dela 1m,20, que a acompanham numa extensão de uns 6 metros, parecendo denotar estes restos de antiga existência de qualquer cortina defensiva, protegendo uma porta, cujos vestígios, aliás, não são hoje bem patentes. Essa cortina (Fig. 18) obrigaria assim os assaltantes do castro a percorrerem, durante certo tempo, um apertado caminho batido pelos projecteis arremessados, pelos defensores, do alto da muralha. É o sistema defensivo das portas, que Hygino classifica de *clavicula* (2).

(1) Perrot et Chipiez — *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*, Paris, 1894, vol. VI, 310, 313 — fig. 94, e 676 — Pl. IX.

(2) Cf. Déchelette, *Manuel d'Arch.*, vol. V (contin. de Albert Grenier), Paris, 1931, pág. 193, fig. 12. Vid. também Cuevillas,

Falta de in-
cícios de ro-
manização

A ausência de vestígios de telha e, simultaneamente, o aparecimento de numerosos fragmentos de placas de xisto boleadas numa das extremidades, parece indicar que a cobertura das casas de Sabroso seria constituída por essas mesmas placas, talvez sobrepostas em rudimentar abóbada, a que os AA. franceses chamam construída «en encorbellement»⁽¹⁾, sustentada esta cúpula no seu fecho por um esteio, e ficando, exteriormente, as lajes com a parte boleada aparente. Ainda hoje, em algumas das nossas povoações montesinhas, se usa igual sistema de cobertura das casas. Várias pedras com certa curvatura e um rebordo saliente numa das extremidades parecem pertencer ao remate superior da parede das casas circulares, assentando sobre essa

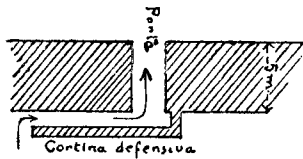


Fig. 18 — RECONSTITUIÇÃO DO SISTEMA DEFENSIVO DE UMA PORTA DA MURALHA DE SABROSO (LADO NORTE)

(Des. do autor)

cornija o beiral da cobertura (EST. XXXVII, 2). Essa falta de telha de rebordo⁽²⁾, como de certas formas típicas de vasilhas e da louça arretina, dos vidros, das inscrições, moedas, etc., demonstra, com mais ou menos probabilidades, que este castro ficou isento da influência romana. É certo que ali apareceu uma antiga moeda da República, pequeno-bronze quase ilegível (EST. XL, 3), que parece dever incluir-se na «Gens Aurelia» (244 a. C.)⁽³⁾. M. Sarmiento, no seu Diário das escavações de Sabroso, dá-nos também um apontamento, referente a 27 de Maio de 1878, que diz terem aparecido ali «uma telha, um vidro, um barro sábio»... Em 1934, o Prof. da Fac. de Ciências da Univ. do Porto, Engenheiro Dr. Rosas da Silva, ofereceu ao Museu da Soc. Martins Sarmiento uma dessas grandes contas de vidro, policromas, cuja cronologia tem sido

Puertas de castros gallegos, in «Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos», Madrid, 1934, vol. II, página 65.

⁽¹⁾ Tal como nos túmulos de necrópole de Alcalá (V. Estácio da Veiga — *Ant. Mon. do Algarve*, 1889, vol. III, 156). Cf. também *O Arch. Port.*, 1902, vol. VII, 131, e P. Paris — *Essai sur l'Art et l'Industrie de l'Espagne primitive*, Paris, 1903, vol. I, 38, nota 3.

⁽²⁾ A falta de *tegulae* também pode explicar-se, neste castro pela quase absoluta ausência de casas de planta quadrangular, uma vez admitido que as casas redondas não fossem cobertas a telha (cf. pág. 29).

⁽³⁾ Vide E. Babelon, *Déscrip. hist. e chronol. des monnaies de la Républ. Rom.*, Paris, 1885-86, vol. I, pág. 235.

largamente discutida (EST. XL, 2), (1). Mas evidentemente que tão diminutos os vestígios não podem ser tomados à conta de prova segura da romanização do lugar. Esta escassez de inícios levou o incansável explorador da Citânia e Sabroso a concluir que a fundação deste castro era anterior à da Citânia, tendo sido provavelmente abandonado antes da chegada dos Romanos à Galécia. Tudo aqui nos revela, efectivamente, um carácter mais arcaico do que Briteiros, sendo principalmente pelas ruínas desta natureza que poderá apurar-se com segurança o que de estruturalmente indígena e pré-romano existe nos castros romanizados, como a Citânia. É este factor de investigação — o pronunciado arcaísmo, confirmado ainda pelo aparecimento de vários machados de pedra polida e de algumas lâminas de sílex, ali recolhidas e em antelas dos arredores (EST. XL, 1), que dá a Sabroso a sua excepcional importância. Não pode, todavia, concluir-se daqui seguramente, como querem alguns arqueólogos, a negação da contemporaneidade das civilizações de Sabroso e da Citânia, pois é de todos os tempos florescerem sincronicamente, a par dos centros de maior progresso, povoados da mais rudimentar cultura.

Foram ainda encontradas nesta estação numerosas pedras roladas, pequenos elipsóides graníticos contendo a meio, nos extremos do eixo menor, um estrangulamento⁽²⁾, os quais serviriam de pesos de tear, ou das redes de pesca fluvial. As gravuras rupestres também ali são abundantes, tanto nas vizinhanças do castro⁽³⁾, como nos penedos que coroam o cimo do próprio monte, onde se encontram insculpidos círculos concêntricos, covinhas, etc.⁽⁴⁾.

Os temas da ornamentação sabrosina são do mesmo estilo dos da Citânia, pelo que diz respeito à pedra esculpurada, predominando, no entanto, as cordas ou tor-

A arte ornamental

⁽¹⁾ Vide Rosas da Silva, *Conta de vidro policromo encontrado no Castro de Sabroso*, in *Rev. de Guimarães*, 1934, vol. XLIV, pág. 35. Para a bibliografia destas contas de colar, vide o nosso artigo «Breves notas acerca de um tipo conhecido de antigas contas de vidro policromas», na *Revista de Guimarães*, vol. LXV, 1955, pág. 133-136, e principalmente o importante trabalho de Thea Elisabeth Haevernick, «Die Aggryperien» publicado em 1961 no *Jahrbuch* do Museu de Mainz, e em versão portuguesa na *Revista de Guimarães*, vol. LXXIV, 1964, p. 290 ss.

⁽²⁾ *V. Rev. de Guimarães*, 1907, vol. XXIV, pág. 115.

⁽³⁾ À margem de um caminho rústico, perto de Sabroso, encontra-se um penedo com «fossetas» e duas «pegadinhas» (*plantae pedum*) (*V. Rev. de Guimarães*, vol. I, 187, Mss. Inéditos de M. Sarmiento, cad. 41, pág. 75 e L. de Vasc., *Rel. da Lus.*, 1897, vol. I, 381).

⁽⁴⁾ V. Rui de Serpa Pinto — *Petróglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal* — Publ. do Sem. de Est. Galegos, Sep. da *Rev. Nôs. A Cruña*, 1929, 10 págs.

Por um inqualificável abuso, vários cortadores de pedra partiram há anos com a maior impunidade, alguns destes penedos.

sos (EST. XXXVIII, 2 e XXXIX, 1). A cerâmica, porém, é mais ricamente decorada e apresenta uma variedade de motivos, de tradição da Idade do Bronze, gravados ou impressos, simples ou associados, muito superior à de Briteiros: são os chamados dentes de serra ou de lobo; os semi-círculos concêntricos; os círculos, em faixas, separados ou ligados por meio de rectas, ou ainda em agrupamentos triangulares; os losangos, a espinha, o reticulado, as figuras estelares, as pontuações, protuberâncias mamilares, cordão em relevo, singelo ou duplo, etc. (Fig. 19). Notáveis nesta ornamentação cerâmica, são também as zonas de palmípedes em série, de estilo *vilanovense* (1), do Bronze final e 1.ª Idade do Ferro, propagado à Ibéria e à Armórica, os quais, por estilizações sucessivas, se reduzem a um simples entre-laçço (EST. XLI, 1) (2).

Achados diversos

Relativamente a esculturas simbólicas, além dos vulgares trísceles, apareceram em Sabroso uma cabeça de varrão e apenas o focinho de outro (EST. XLII, 1 e pág. 68), figuras estas características de várias regiões da Península e cujo significado tem sido muito discutido, supondo alguns arqueólogos que elas andam ligadas ao culto funerário (3). Outros querem que tais esculturas tenham servido de simples marcos limitativos de territórios tribais; ainda outros investigadores interpretam estas grosseiras representações de cerdos como divindades protectoras do gado, colocadas à entrada dos currais. Assim as aparecidas no Castro de Las Cogotas (Cardenosa-Ávila) (4). As esculturas de javardos são frequentes no Norte de Portugal, especialmente na província de Trás-os-Montes, e muito abundantes em Espanha, na regiões de Salamanca, Zamora, Ávila, etc.

Em objectos de metal, é o espólio de Sabroso bastante rico de fivelas circulares (5) e fibulas de bron-

(1) Estação arqueológica de Villanova, perto de Bolonha (Itália). V. Déchelette, *Manuel de Arch.*, Paris, 2.ª ed., vol. II (1924), págs. 431-32, figs. 174-175, e vol. III (1927), págs. 24-25.

(2) Vide Gorden Childe, *Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas*, na *Rev. de Guimarães*, vol. LX, pág. 5 e ss.

(3) V. Leite de Vasconcelos — *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1913, vol. III, pág. 15 a 43.

(4) Vide J. Cabré Aguiló, *Excavaciones de las Cogotas — Cardenosa (Ávila)*. I. *El Castro* (Memória n.º 110 de la Junta Sup. de Excav. y Antig., Madrid, 1930, pág. 39, 106 e 107).

Sobre alguma bibliografia destas esculturas, consulte-se o *Catálogo do Museu de Arqueologia da Soc. M. S.*, Guimarães, 1935, pág. 140. Actualmente são numerosos os estudos e inventários acerca das esculturas de varrascos. Pouco se tem adiantado, porém, sobre a interpretação a dar-lhes. Vide *História de España* (Ed. Espasa-Calpe), Madrid, 1954, tomo I, vol. III, págs. 86 e 87 notas 64 e 94; F. Diego Santos, «Cuatro esculturas zoomorfas», no *Bol. del Inst. de Estudios Asturianos*, Oviedo, 1955, n.º XXIV, pág. 38, ss.

(5) V. José Fortes — *Fibulas e fivelas* in «O Arch. Port.» 1904, vol. IX, 3 e ss.

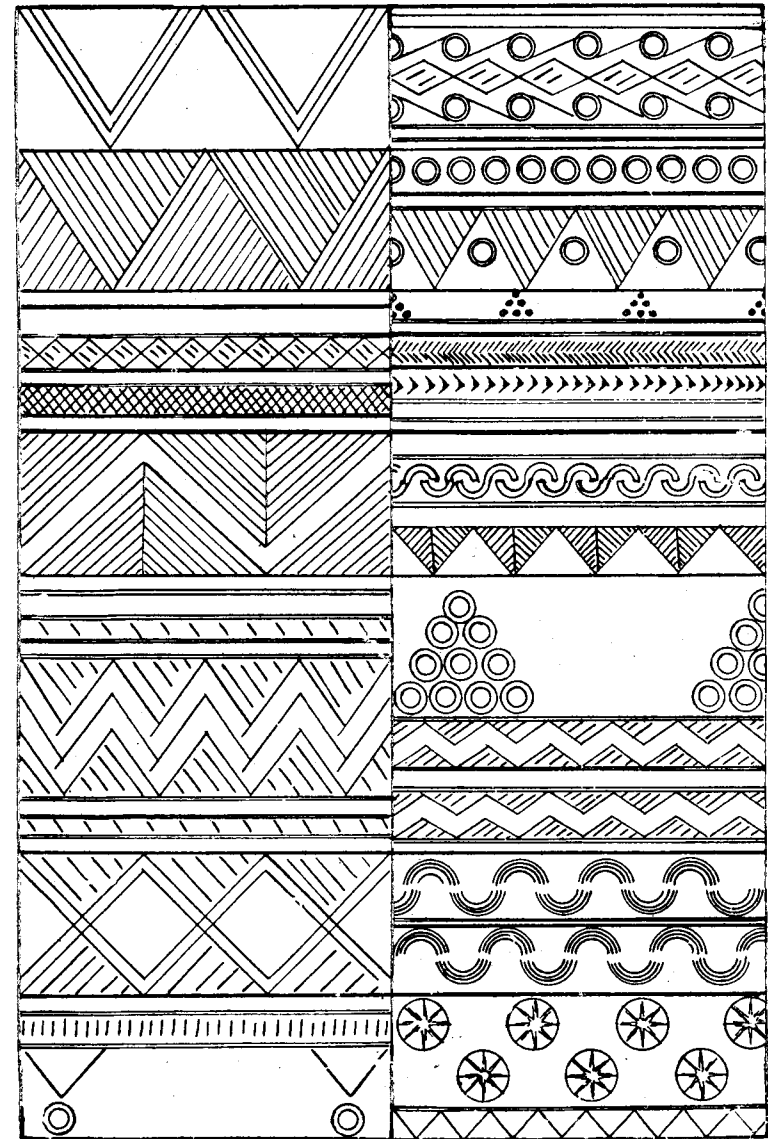


Fig. 19 — ALGUNS TEMAS ORNAMENTAIS DA CERÂMICA DE SABROSO

(Des. do autor)

ze (EST. XXXIX, 2). Deu 17 fivelas e três fragmentos; 19 fíbulas, mais ou menos completas, e para cima de 20 fragmentos. Estas características fíbulas sabrosinas definem, na sistematização geral das fíbulas do Noroeste da Península, um tipo especial — o tipo de *Sabroso* (1). Tal modelo de fíbulas é, pela sua morfologia, considerado derivado das do período final da Hallstatt-II, ditas de La Certosa (2), constituindo assim um tipo de transição para os modelos de La Tène. As de Sabroso diferenciam-se essencialmente das de La Certosa por apresentarem o botão terminal do pé muito mais levantado e a mola bilateral.

Também foi encontrada em Sabroso uma fíbula de travessão sem espira, parecendo representar a grosseira réplica a um tipo de fíbulas romanas, do período de La Tène, cruciformes, de charneira, e com o travessão rematando em botões (3). Dois exemplares aparecidos em Vilar de Mouros e na Galiza (4) são imitações muito mais perfeitas desta ordem de fíbulas romanas. O achado de Sabroso é, contudo, um tanto ou quanto estranho, tratando-se de um Castro isento das vulgares características da romanização.

Ainda de bronze ou cobre, produziram estas explorações um famoso bracelete (EST. XLI, 2), aberto, terminando em pontas troncónicas, que Sarmento considerou de «puro estilo céltico» (5); vários alfinetes do cabelo (*acus comatoriae*), agulhas, uma asa de vasilha, fragmentos do bordo de um vaso de cobre, uma placa de cinto, ornamentada (EST. XLII, 3), e, finalmente, uma machadinha de alvado (EST. XLII, 2), semelhante à proveniente da Citânia, a que atrás nos referimos, mas apresentando uma pequena argola, talvez para suspensão, o que parece querer confirmar o carácter amulético ou votivo desta espécie de objectos (6).

De ferro, apareceu a lâmina de uma tesoura (*forfex*) e um machado de alvado, ainda muito bem conservado

(1) V. José Fortes — *As fíbulas do Noroeste da Península*, in «Portugalia», Porto, 1905, vol. II, págs. 16-17. É necessário manter hoje certa reserva acerca da consistência da classificação das fíbulas castrejas dada por J. Fortes no opúsculo citado. Descobertas posteriores abalaram um pouco a rigidez daquela sistematização.

(2) V. J. Déchelette — *Manuel d'Archéologie* (Edição 1927), tomo III, 336, Fig. 348 — n.º 1.

(3) Cagnat et Chapot — *Manuel d'Arch. Romaine*, Paris, 1920, vol. II, pág. 405.

(4) V. José Fortes — *As fíbulas do Noroeste da Península*, in «Portugalia», Porto, 1905-8, vol. II, pág. 29, figs. 29 e 30.

(5) V. *Rev. de Guimarães*, vol. XXIII, 46.

(6) Vide M. Cardozo, *Machadinhas castrejas*, in «Rev. de Arqueologia», Lisboa, vol. III, 1936, pág. 43 e ss.

exactamente do tipo de um outro aparecido na estação clássica de La Tène, figurado por Gross e repetido em Déchelette (1).

*
* * *

Sumariamente, pouco mais haveria a dizer, a propósito destas duas notáveis estações arqueológicas — CITÂNIA e SABROSO. Não oferece, evidentemente, qualquer destas ruínas a majestosa grandeza das cidades monumentais que foram Tróia, Micenas, Roma, Pompeia, Cartago, Numância, etc. Mas, na sua singeleza e sóbria humildade, os nossos povoados primitivos representam, para os portugueses de hoje, o testemunho mais nobre, de uma viril e remotíssima ascendência, e da pureza desta raça, antiga e forte, que persistiu através dos séculos, arraigada às suas tradições e aos seus deuses, indômita perante o invasor, irredutível e inquebrantável no seu orgulho pátrio e no seu amor à independência!

Respeitemos e conservemos, portanto, estes despojos memoráveis, bem dignos do nosso estudo atento e da nossa religiosa veneração. Porque os lugares, hoje silenciosos e desertos, onde trabalharam e lutaram as gerações distantes, tão intensamente nos falam ainda do Passado, que a nossa recolhida evocação chega a transmitir um pouco de vida e de calor às próprias cinzas mortas.

(1) V. J. Déchelette — *Manuel d'Archéologie* (Ed. 1914), Paris, vol. IV, pág. 1358, fig. 594.